

O Diário de Ribeirão Preto

26/5/1985

"A greve é inevitável", advertem os sindicalistas

"A greve é inevitável", afirmaram os diretores da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetaesp), após uma reunião com 35 presidentes de Sindicatos de Trabalhadores Rurais do interior paulista — que representam 400 mil bóias-frias — realizada na sexta-feira em Araraquara. Eles se dizem dispostos a adiar por mais uma semana a deflagração do movimento na região de Ribeirão Preto, mas consideram impossível caso os empresários do setor canavieiro "continuem irredutíveis" em suas propostas.

As negociações interrompidas na semana passada serão reabertas amanhã, na DRT em São Paulo, a pedido do ministro do Trabalho Almir Pazianoto, onde os dirigentes da Fetaesp "queimarão o último cartucho" para conseguir um bom acordo com a Faesp e com o Sindicato do Açúcar e do Alcool. Incrédulos quanto à mudança de posição dos empresários, os dirigentes Sindicais já marcaram uma nova reunião para a próxima sexta-feira, em Araraquara, onde decidirão pela deflagração de uma greve dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto, Jaú e Araras.

"Estamos segurando ao máximo uma paralisação agora de interesse dos usineiros, porque a safra ainda não está a todo vapor mas a situação é imprevisível porque os trabalhadores estão ganhando muito pouco"; disse Hélio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e diretor da Fetaesp. Para ele, os bóias-frias "estão desesperados porque a safra começará em sua plenitude no meio da semana, as negociações não terminaram e muitas usinas colocaram máquinas para fazer a colheita da cana".

Outro diretor da federação, Antonio Crispim, presidente de sindicato em Cravinhos, também considera impossível adiar a deflagração da greve por mais dez dias. "Se continuar a situação, o barril de pólvora vai estourar", afirma ele, acusando os usineiros de estarem provocando a paralisação. "Eles querem uma greve agora para poder justificar ao governo um repasse de preços no açúcar e no álcool e pedir um aumento de quota de produção, pois além da produtividade de 20 por cento este ano, plantaram quase um terço a mais do que foi autorizado", denunciou.

As assembléias marcadas para hoje apenas discutirão o andamento das negociações, mas muitos sindicalistas temem que os trabalhadores decidam entrar em greve, antes mesmo do início da safra em todas as usinas. As reuniões que deverão decidir por uma paralisação geral serão realizadas só no próximo final de semana. "Os usineiros estão armando esse circo e não sei como vão fazer para apagar fogo, mais pode virar uma convulsão social maior do que nas outras greves", disse Crispim. Isso porque, segundo Hélio Neves, "os patrões quadruplicaram suas milícias, e se armaram contando com uma força maior do que no começo do ano, quando pagaram para a PM bater na gente. É claro que, do outro lado, ninguém vai ficar de mãos vazias".

O diretor da Secretaria do Trabalho em Ribeirão, José Abadia Teles, que mediu mais de uma centena de greves em janeiro, quando 60 mil bóias-frias cruzaram os braços.